

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

NICOLI KIMBERLI LIMBERGER DE MATOS

**DESASTRE DO RIO DOS SINOS: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL ZERO HORA A
PARTIR DAS LENTES DO JORNALISMO AMBIENTAL**

Porto Alegre
2024

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

NICOLI KIMBERLI LIMBERGER DE MATOS

**DESASTRE DO RIO DOS SINOS: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL
ZERO HORA A PARTIR DAS LENTES DO JORNALISMO AMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo pela Escola de Comunicação,
Artes e Design - Famecos da Pontifícia
Universidade Católica do Rio Grande do
Sul.

Orientador: Prof. Dra. Veridiana Dalla Vecchia

Porto Alegre

2024

NICOLI KIMBERLI LIMBERGER DE MATOS

DESASTRE DO RIO DOS SINOS:
UMA ANÁLISE DA COBERTURA DO JORNAL ZERO HORA A PARTIR DAS
LENTES DO JORNALISMO AMBIENTAL

Monografia apresentada como requisito para a
obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela
Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos
da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande
do Sul.

Área de concentração: Jornalismo ambiental

Aprovada em _ de Julho de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Veridiana Dalla Vecchia - PUCRS

Prof. Dr. Eduardo Campos Pellanda - PUCRS

Profa. Dra. Paula Sperb - PUCRS

AGRADECIMENTOS

Gratidão, uma palavra tão pequena mas que guarda consigo uma imensidão de pessoas e sentimentos. O primeiro a receber meu agradecimento não poderia ser outro além de Deus, graças a ele pude chegar até aqui e realizar o sonho que tenho desde os meus 9 anos de idade. Ainda me lembro de pegar um vidro de desodorante (meu microfone), me sentar em frente a cama (minha bancada), vestir o blazer da minha mãe e acreditar que eu era uma jornalista, Deus e minha fé, foram grandemente responsáveis pela realização dessa graduação, disso jamais terei dúvidas.

Bom, em relação a minha mãe Marizene, nenhuma palavra que eu escreva aqui será suficiente para agradecer tudo o que ela fez e faz por mim, nesses 25 anos de minha vida. Me lembro da correria que foi para conseguirmos todos os papéis necessários para que eu pudesse me matricular na PUCRS, e minha mãe foi a primeira a ir em todos os lugares e conseguir tudo o que precisava, e claro, ir comigo até faculdade porque eu estava ansiosa e com medo, minha mãe é um dos principais motivos para eu querer concluir a graduação. Ela sempre me falou sobre a importância dos estudos e se empenhou ao máximo para que eu conseguisse estudar, como sua filha única, quero que ela tenha a oportunidade de me ver formada na faculdade e alcançando a realização de ser jornalista.

Na verdade, meus pais sempre acreditaram na minha capacidade, talvez muito mais do que eu mesma. Meu pai Carlos, mesmo não estando tão envolvido na minha vida acadêmica, sempre me deu palavras de conforto e apoio nas horas difíceis, ele sempre me demonstrou o quão orgulhoso se sente por ser meu pai, o que me impulsiona a buscar aquilo que eu amo. Pode parecer clichê mas, eu afirmo sim, que tenho os melhores pais do mundo e sou grata demais por todo o amor que recebo deles.

Aqui não pode faltar espaço para expressar também, a gratidão que tenho à minha família, de forma especial a dinda Miriam, tia Lurdes e tia Janaína, que sempre me apoiaram e demonstraram o orgulho que sentem de mim. Minha melhor amiga Flávia, que já está a mais de 10 anos na minha vida e que considero minha irmã de coração, também faz parte da família e a ela agradeço imensamente por todas as vezes que me consolou quando eu pensei que não era capaz de concluir

essa graduação, e por me dar forças para seguir em frente quando pensei em desistir de tudo. Minha família é muito grande, então seria impossível agradecer a cada um, por isso, agradeço de forma geral a todos aqueles que estiveram ao meu lado nas horas difíceis, sejam através de palavras ou de ações.

Falando especialmente da graduação, encontrei na Famecos grandes profissionais, que tive a honra de poder chamar de professores. Dentre eles destaco o professor Fabian Chelkanoff, que quando ingressei na universidade em 2018, era coordenador do curso de jornalismo, tenho uma enorme admiração pela forma como ele trata as pessoas, por sua empatia e alegria, lembro-me que conversar com ele sempre me trouxe conforto. A professora Cristiane Finger serei sempre grata, por me fazer acreditar mais em mim mesma, por me acalmar durante minhas diversas crises de ansiedade e por ser sensível sem jamais perder sua autoridade. Obrigada ao professor Juan Domingues, que durante a disciplina de estágio foi também meu psicólogo, me ensinando a enxergar a vida com mais leveza e positividade.

A professora Veridiana Dalla Vecchia, quero agradecer por aceitar ser minha orientadora neste trabalho, sem sequer me conhecer. Sua ajuda, paciência e conhecimento foram essenciais, para que eu concluísse esta monografia, é uma pena para mim, não ter tido a oportunidade de participar de suas aulas mas, sei que os alunos da Famecos tem muito a ganhar, aprendendo com uma grande professora e profissional como ela. Por fim, agradeço a todos os professores (as) e colegas como Cassiano, Felipe, Dayana, Manoela, Fernanda, Alexia, Anie e muitos outros com quem tive a oportunidade de dividir esta etapa da minha vida.

“Aqueles que contemplam a beleza da terra, encontram reservas de força que irão perdurar enquanto a vida durar. Há algo infinitamente curativo nos refrões repetidos da natureza: a garantia de que o amanhecer vem depois da noite e a primavera depois do inverno” (Rachel Carson).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a cobertura jornalística do desastre ambiental do Rio dos Sinos ocorrido em 2006, realizada pelo jornal Zero Hora dentro de 10 anos, focando especialmente nas reportagens. Sendo assim capaz de responder, se o veículo de imprensa citado seguiu os preceitos do jornalismo ambiental em sua cobertura. Para isso, foram utilizadas quatro características básicas do jornalismo ambiental, mencionadas pelas autoras Loose e Girardi (2017) e que ainda estão sendo implementadas na prática jornalística atual. Durante a elaboração do trabalho, foram citados assuntos como a história do jornalismo ambiental na Europa e no Brasil, os desafios do ambientalismo na mídia, o Rio dos Sinos e seu território e as consequências sociais e ambientais do desastre, assuntos esses que possuem o propósito de apresentar ao leitor os diversos lados da tragédia ambiental ocorrida. Após a análise do material encontrado, percebe-se que nenhuma das reportagens efetuadas pelo Zero Hora cumpriu as quatro características apontadas como essenciais na prática do jornalismo ambiental, resultado esse que apresenta um déficit na cobertura realizada pelo jornal, pelo menos no que diz respeito ao tema apontado.

Palavras-chave: Rio dos Sinos; desastre ambiental; mortandade de peixes; jornalismo ambiental; publicação impressa.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the journalistic coverage of the environmental disaster of the Rio dos Sinos in 2006, carried out by the newspaper Zero Hora over a period of 10 years, focusing in particular on the reports. In this way, it will be able to answer whether the press outlet in question has followed the precepts of environmental journalism in its coverage. To do this, four basic characteristics of environmental journalism were used, mentioned by the authors Loose and Girardi (2017) and which are still being implemented in current journalistic practice. During the preparation of the work, subjects such as the history of environmental journalism in Europe and Brazil, the challenges of environmentalism in the media, the Rio dos Sinos and its territory and the social and environmental consequences of the disaster were mentioned, subjects that have the purpose of presenting the reader with the various sides of the environmental tragedy that occurred. After analyzing the material found, it emerged that none of the reports carried out by Zero Hora fulfilled the four characteristics identified as essential in the practice of environmental journalism, a result that shows a deficit in the newspaper's coverage, at least as far as the topic is concerned.

Key-words: Rio dos Sinos; environmental disaster; fish mortality; environmental journalism; printed publication.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Vegetação intacta na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.....	23
Figura 2 - Reportagem “Sinos da Esperança”	33
Figura 3 - Reportagem “A asfixia de 2 rios”	34
Figura 4 - Reportagem “Culpados por dano ainda são ignorados”	34
Figura 5 - Reportagem “Atuação da Fepam é criticada”	35
Figura 6 - Reportagem “O que tem na água”	36
Figura 7 - Reportagem “Bacia do Rio dos Sinos à espera de projetos”	37
Figura 8 - Reportagem “Desastre pode ter sido pior”	38
Figura 9 - Reportagem “Um sopro de vida para o Rio dos Sinos”	38
Figura 10 - Reportagem “Estado decreta situação de emergência em rios”	39
Figura 11 - Reportagem “Lixo afeta até a navegação”	40
Figura 12 - Reportagem “Rede vazia no Rio dos Sinos”	41
Figura 13 - Reportagem “Peixes sob nova ameaça no Sinos”	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 JORNALISMO AMBIENTAL.....	13
2.1 HISTÓRIA NA EUROPA E NO BRASIL.....	13
2.2 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS BÁSICAS.....	17
2.3 DESAFIOS DO AMBIENTALISMO NA MÍDIA.....	19
3 O DESASTRE DO RIO DOS SINOS.....	22
3.1 RIO DOS SINOS E SEU TERRITÓRIO.....	22
3.2 CONSEQUÊNCIAS AMBIENTAIS E SOCIAIS.....	24
4 A COBERTURA DO DESASTRE E O JORNALISMO AMBIENTAL.....	27
4.1 COBERTURA REALIZADA PELO JORNAL ZERO HORA.....	27
4.2 METODOLOGIA E RESULTADOS.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

Em outubro de 2006, o Rio dos Sinos enfrentou uma drástica mudança em sua paisagem, após a mortandade de mais de 50 toneladas de peixes, que foram encontrados sobre suas águas, por pessoas que viviam ou se encontravam próximas à margem. A tragédia teve como uma de suas principais causas o lançamento de resíduos tóxicos e esgoto não tratado no Arroio Portão, que deságua no Sinos, o que ocasionou a diminuição do oxigênio nas águas, consequentemente sufocando os animais aquáticos.

Dentro deste contexto, o objetivo geral desta monografia é responder por meio de análises qualitativas e quantitativas de reportagens realizadas pela Zero Hora, se o jornal seguiu os preceitos do jornalismo ambiental durante a cobertura realizada sobre o desastre. Após a repercussão da tragédia, qual foi a quantidade de publicações impressas que o jornal, que é considerado um dos maiores do estado, realizou sobre o assunto e quantas páginas em média foram destinadas a elas? A partir do conhecimento da quantidade de publicações e, principalmente, da característica de seus textos, será possível analisar se os princípios do jornalismo ambiental foram levados em consideração.

A escolha do tema desta monografia surgiu a partir do meu interesse pessoal sobre questões ambientais e pela forma como o ser humano demonstra sua preocupação com a natureza e com a ecologia. Fui aluna de quatro semestres do curso técnico em Meio Ambiente no ano de 2018, o que me colocou frente a frente com o estudo de diversos desastres ambientais que ocorreram no Brasil e no mundo, o que aguçou meu interesse pelo assunto. No entanto, quando voltei minha atenção para o Rio Grande do Sul, percebi que poucas pessoas lembravam do desastre do Rio dos Sinos, mesmo sendo um evento recente e de grande impacto para o estado, o que me fez refletir sobre o quanto a imprensa gaúcha dá ênfase para o ambientalismo. Atualmente sendo graduanda em jornalismo, busco entender como a imprensa lida com as questões ambientais e divulgá-las. Por esse motivo, nesta monografia buscarei analisar a abordagem do assunto dentro da linha editorial do jornal Zero Hora.

Atualmente as questões ambientais têm ganhado força dentro das falas de cientistas, políticos, ativistas e da sociedade em geral. Porém, não é de hoje que se trata dos efeitos das ações humanas no meio ambiente. São impactos no clima e no

meio ambiente, como excesso de chuva ou falta dela, a quantidade de água potável disponível para consumo humano, a qualidade do ar que respiramos, a preservação das florestas e em tantos outros assuntos nos quais o ambientalismo está diretamente ligado. No entanto, tudo isso pareceu, por muito tempo, um assunto que poderia ser deixado para depois. Sendo que, na verdade, nunca pôde. Mas, mesmo com um atraso gigantesco nas discussões sobre o tema, estamos falando sobre ambientalismo, então, nada melhor do que aproveitar o presente momento para relembrar do Desastre do Rio dos Sinos e de suas consequências, em busca de uma maior conscientização ambiental.

Esta monografia está dividida em três capítulos e seus subcapítulos, além de Introdução e Considerações Finais. O segundo capítulo, introduz o jornalismo ambiental (JA), nele é falado sobre a história e o surgimento do JA na Europa e no Brasil, juntamente com os principais eventos criados para tratar de assuntos climáticos e ecológicos. Os conceitos e características básicas utilizadas como base para a análise realizada durante a monografia também serão apresentadas nesta parte, que será concluída com a discussão sobre os desafios que os jornalistas ambientais enfrentam para continuar trabalhando nesta área, que apresenta dados preocupantes sobre violência e ameaças à vida dos profissionais.

No terceiro capítulo, o foco principal será o desastre do Rio dos Sinos, falo sobre o território da bacia hidrográfica do Sinos, o local em que nasce e deságua, as características do solo e do clima da região, de que forma as águas do rio são utilizadas por aqueles que estão inseridos em seu ecossistema e qual sua importância econômica. Neste capítulo também serão apresentadas as consequências sociais e econômicas causadas pelo desastre ambiental e se houve mudanças na forma como as autoridades lidam com a proteção das águas do Rio dos Sinos e, se sim, quais foram.

No quarto e último capítulo será apresentado um resumo da criação e história do jornal Zero Hora, como foi a cobertura do desastre ambiental realizada pelo jornal, as reportagens coletadas, a metodologia utilizada para que a análise tenha sido realizada e quais os resultados obtidos após a observação e identificação das características do jornalismo ambiental encontrados na cobertura realizada.

2. JORNALISMO AMBIENTAL

O Jornalismo Ambiental, segundo Loose e Girardi (2017), extrapola a ideia de cobrir assuntos ambientais ou de ser mera especialização temática. As bases desse jornalismo em particular são construções recentes, provindas da preocupação pública com questões dessa ordem e motivadas pela forma como os jornalistas poderiam melhor colaborar para o esclarecimento das pessoas.

Durante os subcapítulos a seguir será abordada a história e o surgimento desta especialização na Europa e no Brasil, apresentando os principais marcos históricos que possibilitaram o seu crescimento e expansão. Serão apresentadas as principais características do jornalismo ambiental, que o diferenciam do jornalismo tradicional e os objetivos de sua criação. Além dos desafios enfrentados pelos profissionais que desejam se especializar e seguir carreira dentro desta área.

2.1 HISTÓRIA NA EUROPA E NO BRASIL

O conceito de jornalismo ambiental surgiu atrelado ao de jornalismo científico, sendo o segundo conhecido por divulgar fatos que fazem parte do campo da ciência e da tecnologia. “A especialização em temas científicos ganhou um grande impulso na Europa e nos Estados Unidos a partir da segunda metade do século XIX” (Oliveira, 2002 apud Belmonte, 2017, p. 111). Na Europa, em especial, logo após a realização da Conferência da Biosfera, um evento científico que tinha o objetivo de discutir a conservação e o uso sustentável da biosfera e que contou com a presença de representantes de aproximadamente sessenta países, foi o espaço no qual o jornalismo ambiental teve um maior reconhecimento.

A Conferência sobre a Biosfera que aconteceu em Paris organizada pela UNESCO em 1968, foi a primeira reunião intergovernamental a tentar reconciliar a conservação e o uso dos recursos naturais, o que chamamos hoje de sustentabilidade. Na mesma ocasião e no mesmo país surgiu a primeira entidade de jornalismo ambiental (Colombo, 2010, p.2).

Aqui no Brasil, também no ano de 1968, ocorreu o surgimento do primeiro jornalista a se especializar em meio ambiente, e a realizar coberturas especiais voltadas para área ambiental “[...] Randau Marques, ficou conhecido como repórter

da Operação Bandeirante - centro de informações, investigações e de torturas de combate às organizações armadas da esquerda” (Colombo, 2010, p.5).

Ainda no ano de 1968, quando tinha entre 17 e 18 anos, Randau foi preso e torturado pelo Regime Militar, por ter sido o autor de uma reportagem, publicada em um periódico da cidade de Franca em São Paulo, na qual ele denunciava os crimes ambientais realizados pelas empresas de sapatos, que durante o seu processo de produção contaminaram os rios e o solo com chumbo, um metal pesado e tóxico. Porém, mesmo com jornalistas e estudiosos ambientais sendo presos e torturados por trazer à tona assuntos que iam contra os objetivos do governo na época, estranhamente existia um grande interesse durante o período da ditadura em manter o tema ambiental na mídia. “Durante o período da Ditadura Militar (1964-1985) o grande espaço para as publicações de meio ambiente era assegurado já que o tema era visto como uma novidade e simpático tanto ao público, quanto aos militares” (Massierer, 2007, p. 38).

Entretanto, mesmo com o surgimento de Randau Marques em 1968, segundo Massierer (2007) foi a partir da década de 1970 que as questões ambientais tiveram expansão no Brasil, através da mídia, que começou a se interessar pela cobertura dos assuntos relacionados à área, já que foi naquele período que as lutas e protestos ambientalistas ganharam força.

Pouco tempo após a realização da Conferência da Biosfera que aconteceu em 1968, foram realizados os relatórios do Clube de Roma¹, contestando a possibilidade de um crescimento econômico infinito em um planeta com recursos naturais finitos. “O objetivo do grupo era dialogar e analisar o crescente aumento econômico devido aos recursos naturais utilizados pelas empresas industriais” (Colombo, 2010, p.1).

No ano de 1972, o Clube divulgou o relatório “Os Limites do Crescimento”, que deu início a um debate global sobre o futuro da humanidade. O relatório trouxe como problemas e pontos a serem discutidos a industrialização acelerada, o rápido crescimento demográfico, a escassez de alimentos, o esgotamento de recursos não-renováveis e a deterioração do meio ambiente.

Ainda no ano de 1972 ocorreu a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, na Suécia.

A Conferência de Estocolmo aconteceu nos dias 5 a 16 de junho de 1972 e reuniu chefes de Estado de 113 países, além de diversas organizações

¹ Foi um grupo formado por aproximadamente 30 estudiosos e empresários influentes socialmente, que se reuniram para discutir questões ambientais, na cidade de Roma na Itália, no ano de 1968.

internacionais governamentais e não governamentais, observadores e jornalistas. Pautou temas como poluição atmosférica e consumo excessivo dos recursos naturais. A partir dela, o dia 5 de junho de cada ano ficou designado como Dia Mundial do Meio Ambiente (CRBio-07, 2022).

Segundo Massierer (2007), foi a partir desta Conferência que muitas instituições e grupos de proteção ambiental surgiram, além de diversos países atualizarem e acrescentarem regras em suas legislações ambientais.

Com o tema ambiental começando a ser reconhecido mundialmente e alcançando relevância no Brasil, após a realização da Conferência da Biosfera, da Conferência de Estocolmo e da criação do Clube de Roma, foi realizado o primeiro protesto em território brasileiro, em prol do meio ambiente.

Foi em 25 de fevereiro de 1975 que aconteceu o primeiro ato ambientalista do país, quando o estudante mineiro Carlos Dayrell subiu numa árvore em frente à Faculdade de Direito da UFRGS para impedir o corte pela Prefeitura Municipal. Esse fato gerou mais de 30 páginas nos principais jornais, repercutindo não só na mídia estadual, mas também nacional e internacional (Massierer, 2007, p. 38).

Em 1987 foi divulgado o documento Nosso Futuro Comum, também conhecido como Relatório Brundtland, que foi coordenado pela então primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, e que teve como objetivo a busca de soluções para problemas ambientais e econômicos que pudessem impactar a vida das gerações futuras.

Neste relatório, busca-se conciliar o crescimento econômico com a defesa do meio ambiente, por meio de um 'desenvolvimento sustentável', definido pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1988) como o suprimento das necessidades das atuais gerações sem comprometer a capacidade das gerações futuras em atender às próprias necessidades (Junqueira; Kawasaki, 2017, p. 170-171).

No entanto, foi no ano de 1992 que um evento que marcou história no âmbito do ambientalismo. A Conferência Geral das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, também conhecida como Eco-92, teve como sede a cidade do Rio de Janeiro e foi fortemente coberta pela mídia, se comparada a sua antecessora, a Conferência de Estocolmo.

[...] Destaca-se também a participação dos meios de comunicação de massa: enquanto em Estocolmo participaram cerca de mil jornalistas, para a Conferência do Rio foram cadastrados mais de 7 mil jornalistas, fotógrafos, técnicos representando agências de notícias, redes de TV, jornais e revistas de todas as partes do mundo (Ramos, 1996, p.40).

A partir da realização da Eco-92, foi organizada a primeira Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, também chamada de Conferência das Partes ²(COP), realizada no ano de 1995, na cidade de Berlim, na Alemanha, e que contou com representantes de 117 países. Foi através desta COP que a discussão sobre a redução dos gases de efeito estufa na atmosfera se tornou tão crucial para a sociedade.

Atualmente já foram realizadas ao todo 28 COP's, a última delas ocorreu em Dubai, no ano de 2023, e teve como principal discussão a transição energética e a neutralidade climática. Segundo o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima - MMA (2024), após a COP28, os Emirados Árabes Unidos, país que sediou a última COP, o Azerbaijão, que sediará a COP29 em sua capital Baku, e o Brasil, que será sede da COP30, a ser realizada na cidade de Belém do Pará no ano de 2025, formaram uma parceria para que seja implementada a Missão 1,5 que é uma tentativa de estimular o alcance da meta de limitar o aquecimento global a 1,5°C até o fim do século. A iniciativa tem como objetivo unir o planeta na busca de uma resposta urgente à crise climática e buscará assegurar compromissos ambiciosos nas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs), que são as metas climáticas que os 198 países-membros da convenção do clima devem apresentar em 2025.

Como citado anteriormente, o Brasil será a sede da COP30, sendo esta a primeira Conferência das Partes realizada no país. A última conferência ambiental da ONU feita em solo brasileiro foi a RIO+20, no Rio de Janeiro, em 2012. A COP30 terá um grande simbolismo para o Brasil, já que a Floresta Amazônica ocupa aproximadamente 58% de seu território, sendo que a proteção deste bioma estará presente nas pautas da Conferência.

A realização da COP no coração do maior ecossistema florestal do mundo, que detém a maior biodiversidade, é emblemática não só para o Brasil, mas para o mundo, porque há uma imersão na perspectiva de proteção do ecossistema. É simbólico, visceral e importantíssimo que se tenha esse vínculo local de envolvimento da população e do ecossistema (Brasil de Fato, 2023).

A Conferência das Partes se tornou um evento anual desde 1995, e transformou-se em um dos principais eventos ambientais da ONU, sempre com o

² O nome Conferência das Partes está ligado à representação dos países-membros ou "Partes" que se reúnem anualmente para discutir os efeitos das mudanças climáticas em nosso planeta.

objetivo de discutir as mudanças climáticas e encontrar soluções possíveis para os problemas ambientais que atingem o planeta, buscando uma qualidade de vida para as gerações atuais e futuras.

2.2 CONCEITO E CARACTERÍSTICAS BÁSICAS

O jornalismo, segundo a Associação Nacional de Jornais - ANJ (2020), surgiu no ano 59 a.C, quando o imperador romano Júlio César desejando informar o público criou uma folha diária exposta em local público, que era nomeada como Acta Diurna (Atos do Dia). Nela eram citados os escândalos no governo, campanhas militares, julgamentos e execuções. Segundo o governo da época, essas eram informações importantes para o povo. A partir daí, o jornalismo foi se aperfeiçoando e ganhando novos formatos como os dos jornais impressos, os telejornais, os radiojornais, os jornais online, entre outros.

Apesar de seus diferentes formatos, o jornalismo segue atualmente uma crença sobre a necessidade de ser neutro. Segundo Lage (2014), o jornalismo tem como característica o compromisso ético peculiar, o jornalista precisa ser capaz de selecionar os assuntos que interessam e são úteis ao público buscando uma associação entre as duas qualidades, além de, tornar as notícias atraentes mas, sem perder a veracidade dos fatos, ser fiel a ideia daqueles de quem transmite e manter o compromisso ético para com aqueles que sofreram prejuízos vindos de informações erradas ou inadequadas.

Já o jornalismo ambiental não segue o caminho convencional ou neutro do jornalismo clássico, nele é comum ver uma certa militância por parte dos jornalistas especializados na área. Segundo Iberdrola (S.D), ele é conceituado como uma especialização da área jornalística sendo responsável pela divulgação de informações relacionadas à natureza, de maneira especial aos impactos das atividades humanas sobre o meio ambiente, com o objetivo de despertar uma consciência ecológica na sociedade a fim de mitigar as mudanças climáticas e salientar a importância do desenvolvimento sustentável e da conservação da saúde do planeta.

No ano de 1992, durante a Rio 92, foi realizada na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, a primeira edição do Green Press, um encontro que discutia o papel da imprensa em relação ao enfrentamento das mudanças climáticas.

[...] Mais de 30 países enviaram ao Brasil seus representantes para o Encontro, que teve duração de cinco dias e foi reconhecido como evento paralelo da Rio 92. Um importante fruto do Green Press foi a Carta de Belo Horizonte, elaborada por uma comissão do Sindicato de Jornalistas de Minas Gerais e da Fenaj. O documento foi aprovado em Assembléia Geral e levado à Rio 92, contendo uma lista de recomendações e princípios éticos relativos ao trabalho da imprensa na cobertura ambiental” (Portal Pick-upau, S.D).

Durante a escrita da Carta de Belo Horizonte, segundo o Portal Pick-upau (S.D) os profissionais presentes declararam o reconhecimento de 14 princípios éticos do Jornalismo Ambiental, sendo 6 deles totalmente relacionados ao dever que o jornalista possui com a disposição de informações ambientais a sociedade: (1) todos os povos têm direito a informação sobre questões ambientais, (2) todas as pessoas possuem o direito de serem informadas corretamente sobre as questões ambientais e os jornalistas têm o compromisso de expressarem suas opiniões sem qualquer restrição, (3) os meios de comunicação e os jornalistas devem informar sobre opções de desenvolvimento que forneçam bem estar para todos, sem causar danos ambientais, (4) é dever da imprensa relatar os possíveis riscos ambientais, causados por práticas negativas para os ecossistemas e educar a sociedade quanto a elas, (5) é necessário comprometimento com o incentivo a qualidade de vida do planeta em todas as fases de produção e veiculação de notícias e (6) os diversos pontos de vista sobre o meio ambiente e o desenvolvimento precisam ser expressados pela imprensa.

Segundo Loose e Girardi (2017), o Jornalismo Ambiental (JA) possui seis características básicas que ainda estão sendo implementadas na prática jornalística, sendo elas a ênfase na contextualização, que se mostra como a necessidade de superar a forma rasa em que se realiza o jornalismo diário, para que se possa fazer uma apuração profunda, crítica e completa das questões ambientais.

A pluralidade de vozes, ou seja, é necessário que a pauta ambiental dê abertura para uma gama diversa de opiniões, para que não se torne algo centralizado apenas no saber de especialistas científicos e sim da sociedade como um todo, não deixando de lado a importância da ciência dentro do assunto.

A assimilação do saber ambiental, que diz respeito à necessidade de que os jornalistas que trabalham com o JA, tenham a compreensão deste tipo de saber para que se torne possível um desenvolvimento sustentável a longo prazo, que seja capaz de quebrar o ciclo do pensamento racional dominante.

A cobertura sistêmica próxima à realidade do leitor, que consiste naquela que aproxima as pessoas/leitores do jornalismo ambiental, sendo que isso só será possível se os jornalistas realizarem pautas que abordem assuntos próximos da realidade diária das pessoas. O meio ambiente é aquilo que cerca e envolve todos os seres humanos, e realizar pautas e matérias que fazem o meio ambiente parecer apenas a fauna e a flora, acaba distanciando e isolando o JA da sociedade, fazendo com que ele não alcance seu principal objetivo que é colaborar para o esclarecimento das pessoas sobre o assunto.

O comprometimento com a qualificação da informação, ou seja, é necessário que os jornalistas da área tenham a noção de que para se trabalhar com JA, é preciso ser engajado e militante em busca da defesa de uma vida sustentável e de uma relação não conflituosa entre a sociedade e o meio ambiente. Esse posicionamento inclui o respeito com a ética jornalística e seus critérios de noticiabilidade e apuração.

A responsabilidade com a mudança de pensamento, se mostra como um dos principais papéis do JA, que é ser capaz de causar essa mudança nas pessoas, fazendo com que elas repensem seus atos diante do cenário ambiental atual e possam estar engajadas em prol da justiça ambiental.

Como pode-se ver a partir das seis características apresentadas acima, o JA detém uma responsabilidade não apenas ambiental, mas também social com aqueles que o consomem e que se informam através dele.

2.3 DESAFIOS DO AMBIENTALISMO NA MÍDIA

Apesar da importância do Jornalismo Ambiental para a sociedade atual, que tem degradado a natureza e precisa aprender a estabelecer uma relação de harmonia com ela, e mesmo seguindo um padrão diferente do jornalismo convencional, sendo mais militante em defesa do meio ambiente. O JA continua sendo uma especialização na área do jornalismo e, por isso, segue sendo submisso aos interesses comerciais dos veículos de imprensa nos quais ele está associado.

Os jornalistas não podem ser considerados apenas observadores passivos, mas participantes ativos na construção da realidade. Então, se por um lado o jornalismo desempenha o papel de questionador do próprio sistema, por outro, se torna refém da estrutura em que se encontra em razão dos fatores políticos, econômicos, sociais e culturais” (Massierer, 2007, p.20).

É através destes interesses estruturais e econômicos que a cobertura e a realização de pautas e reportagens ambientais vem sofrendo um grande impasse, que dificulta o trabalho dos jornalistas especializados na área e que desmotiva aqueles que possuem interesse em possuir uma carreira voltada para o ambientalismo. O impasse citado se chama restrição financeira

Atualmente, os custos envolvidos na produção da cobertura de fatos ligados ao meio ambiente, envolvendo viagens e o grande número de entrevistas em locais de difícil acesso, representam barreiras para muitas empresas da mídia. [...] Todos esses pré-requisitos para cobrir questões complexas podem transformar reportagens ambientais em uma produção cara (Holanda; Kääpä; Costa, 2022, p.3).

As restrições impostas acabam dificultando o trabalho dos jornalistas, pois, os assuntos ambientais necessitam de matérias longas e aprofundadas para que sejam capazes de alcançar seus objetivos, que são a conscientização ecológica e a reflexão da sociedade sobre suas ações degradantes.

Outro desafio enfrentado pelos jornalistas ambientais está relacionado a qualidade do texto. As fontes científicas e acadêmicas utilizadas frequentemente dentro da área tendem a possuir uma linguagem rebuscada, o que dificulta o entendimento dos leitores que não estão acostumados a acessar conteúdos formais, o que acaba deixando o material menos atraente e conseqüentemente menos consumidos pelos leitores.

[...] a linguagem acadêmica tenta obter precisão ao compartilhar informações, quase opondo-se ao ângulo de notícia necessário à mídia. Enquanto o pesquisador mede cuidadosamente cada palavra escolhida, o repórter procura uma “isca” atraente que pode ser transformada em notícia. Essas prioridades adversas não apenas aumentam as chances de erros de tradução e imprecisão, mas também atuam como uma possível barreira para promover o conhecimento e o envolvimento do público (Goldstein, 1986 apud Holanda; Kääpä; Costa, 2022, p.5).

Porém, uma possível solução para este desafio é a busca por uma maior interação entre a fonte e o jornalista, pois, a confiança construída por ambos pode sanar qualquer dúvida e, assim, tornar possível a escrita de um material de fácil compreensão para os leitores em geral.

O aumento da violência sofrida pelos jornalistas ambientais também é um empecilho para o crescimento da área, no Brasil e no mundo todo. Um recente exemplo disso foi o assassinato cruel do indigenista Bruno Pereira e do jornalista

britânico Dom Phillips, que foram mortos por três homens no ano de 2022, no município de Atalaia do Norte no estado do Amazonas, enquanto Dom recolhia material para a conclusão de seu livro sobre conservação ambiental. Um relatório divulgado pela UNESCO em 3 maio de 2024, no Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, revelou que 70% dos jornalistas ambientais já sofreram algum tipo de ataque pelo trabalho que realizam.

No novo Relatório, intitulado *Press and Planet in Danger* [imprensa e planeta em perigo], a análise da UNESCO revelou casos em que pelo menos 749 jornalistas e meios de comunicação que produzem reportagens sobre questões ambientais foram alvo de assassinato, violência física, detenção e prisão, assédio online ou ataques judiciais no período de 2009 a 2023. Mais de 300 agressões ocorreram entre 2019-2023 – um aumento de 42% em relação aos cinco anos anteriores (de 2014 a 2018) (UNESCO, 2024).

Segundo o relatório citado, os ataques foram registrados em aproximadamente 89 países, ou seja, um problema mundial. Outro dado alarmante é que dos 44 jornalistas que foram mortos ao longo dos últimos 15 anos, apenas 4 assassinos receberam alguma condenação, o que representa um índice de quase 90% de impunidade. Em uma segunda pesquisa, realizada com 900 jornalistas de 129 países, em março de 2024, 70% revelaram ter sofrido alguma agressão, e as mulheres afirmaram estarem mais suscetíveis a assédio online. Analisando estes dados, é possível perceber que apesar da importância do jornalismo ambiental ter sido difundida ao longo dos anos, ainda existe um estigma grandioso em relação a atuação dos profissionais da área, o que dificulta seu crescimento e o atingimento de seus objetivos de conscientização ecológica.

3. O DESASTRE DO RIO DOS SINOS

No início do mês de outubro do ano de 2006, a cor marrom do Sinos teve sua paisagem drasticamente modificada pela mortandade de mais de 50 toneladas de peixes de 13 espécies distintas que foram vistos flutuando sobre as águas do rio por navegadores, pescadores e moradores próximos à região. A tragédia que ficou conhecida como um dos maiores desastres ambientais do Rio Grande do Sul segundo a Fepam, teve como uma de suas causas os procedimentos irregulares no lançamento de resíduos tóxicos no Arroio Portão, que desemboca no Sinos, o que causou a diminuição do oxigênio nas águas do rio consequentemente sufocando os peixes e animais aquáticos até morte.

Nos próximos subcapítulos será apresentado o território da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos e suas características ecológicas como localização, clima, fauna e flora. Também será falado sobre as consequências ambientais e sociais ocasionadas pelo desastre ambiental 2006 e qual a situação atual das águas do Sinos.

3.1 RIO DOS SINOS E SEU TERRITÓRIO

O Rio dos Sinos, que possui este nome por causa da sinuosidade de seu curso, tem sua nascente localizada no município de Caraá no litoral norte gaúcho e sua foz (local onde deságua) no município de Canoas. Ele é o principal rio localizado na sua Bacia Hidrográfica e juntamente com outros sete rios forma a Região Hidrográfica do Guaíba.

“A bacia hidrográfica do Rio dos Sinos é formada por 30 municípios [...], que ocupam uma área de 3.694 km². Ocupando cerca de 1,3% do território estadual, a bacia do Rio dos Sinos é responsável pela geração de aproximadamente 21% do seu Produto Interno Bruto – PIB e abriga uma população estimada em 1.440.500 habitantes” (COMITESINOS, S.D).

Para o Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos (COMITESINOS), o clima do local favorece a fertilidade do ambiente e a umidade do solo, onde surgem ecossistemas típicos que antigamente possuíam uma grande

expansão territorial, mas que, atualmente, se restringem às áreas de preservação ambiental legal e aos locais onde não houve a exploração do homem. Dentro das diversas regiões que compõem as proximidades do rio existem diferentes formas de relevo, no alto da serra estão os banhados de altitude, na zonas norte e oeste está a mata subtropical que possui uma enorme diversidade de animais e plantas, este tipo de vegetação é responsável por proteger a cabeceira do rio das chuvas além de, captá-las e consequentemente liberá-las no solo rumo as vertentes.

Um dos relevos mais importantes para a vida no Rio dos Sinos são as áreas alagadiças, nelas estão situados os banhados. Esses locais possuem uma fertilidade natural e uma umidade frequente, o que os torna locais propícios para a reprodução de peixes e de outros animais. Além de atuarem como reguladores de água, absorvendo o excesso das cheias e liberando a água em tempos de seca, os banhados também colaboram na limpeza da poluição e são o habitat de diversas plantas e animais como aves, anfíbios e vegetações flutuantes.

Já nas margens do Rio dos Sinos está situada a mata de galeria, que possui este nome porque forma um corredor onde correm as águas do rio. Estes locais possuem poucas partes intactas, pois, em sua maioria estão ocupadas por cidades, pela pecuária e por lavouras.

Figura 1 - Vegetação intacta na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos



Durante a virada do século (1900), a construção da estrada de ferro levou um novo impulso econômico à região, e como consequência de sua criação, as oficinas de artesãos evoluíram e se tornaram indústrias de calçados. A partir dessa expansão industrial, são construídas represas no Sinos que possuem o objetivo de gerar energia elétrica, é instalado também um parque fabril que evolui aceleradamente.

O Rio do Sinos tem sido a principal fonte de abastecimento de água para aproximadamente 1,3 milhão de pessoas, que também o utilizam como meio de transporte, para pesca artesanal, para irrigação agrícola e diversas outras formas de uso.

[...]suas margens são muito usadas para o descanso nas várias praias e recantos. A pesquisa científica também tem se debruçado sobre o rio e seus ecossistemas naturais. Até mesmo a construção civil busca no seu leito a areia para erguer as cidades do Vale (COMITESINOS, S.D).

No entanto, uma das formas mais preocupantes de utilização deste corpo hídrico é o lançamento de resíduos tóxicos, como os esgotos com tratamento inadequado ou totalmente sem tratamento. Já que o rio está situado em uma região muito populosa, com baixo índice de tratamento de esgoto e uma grande aglomeração industrial, os rejeitos humanos e industriais, vindos principalmente do setor coureiro-calçadista, se combinam e desaguam clandestinamente no curso do rio, esta é possivelmente uma das principais causas para o desastre abordado nesta monografia.

3.2 CONSEQUÊNCIAS AMBIENTAIS E SOCIAIS

Segundo o site Mapa de Conflitos (S.D), aproximadamente 765 famílias que utilizavam a pesca como forma de sobrevivência, foram fortemente prejudicadas pelo desastre ambiental, que ocasionou a mortandade de 13 espécies de peixes e atingiu toda a área localizada entre os municípios de Sapiranga e São Leopoldo. O desastre na época chegou a ter uma forte repercussão dentre os meios de comunicação, fazendo com que pesquisadores e funcionários de diferentes setores do RS denunciassem o ocorrido, sugerindo um sistema de despoluição urgente para as localidades afetadas.

Porém, após o ano de 2006 houve poucas mudanças na forma como o Rio dos Sinos é utilizado e preservado, até mesmo as principais referências usadas para esta monografia não são recentes, pois, pouco se estudou sobre o desastre nos dias atuais. Segundo o biólogo e ex-diretor técnico da Fepam Jackson Müller (2007), a única mudança significativa foi o fato de que as indústrias e empresas poluidoras começaram a temer ter uma prisão preventiva decretada, assim como ocorreu com o engenheiro Luiz Ruppenthal, ex-diretor da União dos Trabalhadores em Resíduos Especiais e Saneamento Ambiental (Utresa), o que faz com elas tenham mais cuidado com o lançamento de poluentes tóxicos no Sinos.

No entanto, ainda que as empresas tenham feito uma pequena redução no lançamento, a carga tóxica despejada no Rio dos Sinos se mantém. “A carga tóxica é um dos graves problemas que ainda não foi resolvido. Nós tiramos os peixes mortos, mas não tiramos o que matou os peixes. Então, as pessoas estão bebendo esses poluentes junto com a água” (Müller, 2007, p.9).

Mas, como dito anteriormente, as indústrias não as únicas responsáveis pelo descarte de poluentes no Rio, a verdade é que o Sinos recebe contaminantes de diversos locais, o que deixa este corpo hídrico suscetível a um novo desastre ambiental

A qualidade hídrica do Rio dos Sinos está muito aquém daquilo que seria esperado em termos qualitativos. Existem três importantes ingressos de contaminantes: aqueles oriundos do meio rural, da indústria e da ocupação urbana. [...] Como se pode observar, não se trata de uma única fonte, e sim de um conjunto que interage, ocasionando impactos que são ampliados com as condições climáticas de escassez de chuvas, aumentando as cargas tóxicas (Hansen, 2007, p.16).

No entanto, durante entrevista recente realizada pela Gaúcha ZH (2022), Jackson Müller falou sobre o principal motivo para as águas do Rio dos Sinos continuarem impróprias mesmo após mais de 15 anos da ocorrência do desastre de 2006

A principal razão é a falta do investimento necessário para purificar o esgoto doméstico. Cerca de 90% do esgoto produzido em 32 municípios da bacia hidrográfica segue sendo despejado sem tratamento não manancial [...] A poluição, ao contrário do passado, não tem mais foco industrial (Müller, 2022).

Segundo o pesquisador da Unisinos Uwe Schulz, em entrevista concedida ao site Mapa de Conflitos (S.D), o Rio Grande do Sul é um estado completamente atrasado em termos de saneamento básico, estando muito abaixo da média em relação ao resto do Brasil. Sendo praticamente o último estado em quantidade de investimento em saneamento e porcentagem de esgoto tratado, a situação precária das águas do Sinos é um reflexo de uma negligência que existe a muito anos, por parte dos órgãos responsáveis pelo cuidado com os recursos hídricos existentes no estado.

4 A COBERTURA DO DESASTRE E O JORNALISMO AMBIENTAL

Sendo um episódio de ampla magnitude no estado e de grande evidência, com mais de 50 toneladas de peixes mortos, é normal que o jornalismo se debruce sobre o fato. A cobertura jornalística da Zero Hora trouxe ampla divulgação do desastre do Rio dos Sinos. Porém, o que se quer identificar neste trabalho é como o acompanhamento deste caso, por parte do jornal, traz ou não as características do jornalismo ambiental. Qualidades essas que estariam, de acordo com aquelas apresentadas por Loose e Girardi (2017), sendo a utilização delas uma aprimoração das formas de se tratar as questões ambientais.

4.1 COBERTURA REALIZADA PELO JORNAL ZERO HORA

A Zero Hora (ZH) é um jornal gaúcho, fundado no dia 4 de maio de 1964, sua circulação passou a contemplar todos os municípios do Rio Grande do Sul no ano de 1975. Segundo o site Media Ownership Monitor (2017), o ZH surgiu como uma versão sulista do famoso jornal carioca Última Hora, fundado no ano de 1951, e foi criado pelo jornalista Ary de Carvalho, sendo comprado pela família Sirotsky, dona do conglomerado de mídia Grupo RBS, anos depois. O jornal Zero Hora possui a maior circulação do estado, estando em 5º lugar em tiragem impressa e digital no Brasil, sua redação é composta por uma grande equipe, que realiza a cobertura de diversos assuntos, “conta com 11 cadernos, mais de 70 colunistas e equipes segmentadas, que apuram os fatos e notícias do Estado, do Brasil e do mundo” (Grupo RBS, S.D).

Na cobertura realizada pelo jornal Zero Hora, durante os 10 anos analisados, como parte da metodologia deste trabalho, o ano de 2006 no qual ocorreu o desastre ambiental, foi o que obteve a maior quantidade de publicações impressas que ao serem somadas reportagens, notas, notícias e entrevistas chegaram a um total de 32 publicações. Nos três anos seguintes (2007, 2008 e 2009), o número de materiais publicados diminuiu para 20, 3 e 5 respectivamente, já no período que contempla os anos de 2010 a 2016 nenhuma publicação sobre o tema foi produzida. Os principais enfoques da cobertura realizada foram as causas da mortandade dos peixes que inclui análises da água do Sinos, a condenação dos culpados pelo

desastre, possíveis soluções a curto prazo e acontecimentos adjacentes ao ocorrido em outubro de 2006.

4.2 METODOLOGIA E RESULTADOS

A análise da cobertura do jornal Zero Hora foi realizada por meio das edições diárias publicadas desde a data da ocorrência do desastre ambiental, ou seja, em outubro de 2006, até o ano de 2016, buscando compreender os níveis de apuração da cobertura impressa no período de 10 anos. Para que seja possível analisar de forma qualitativa, mas também com a contabilização das publicações, foram buscadas todas as reportagens, notas, notícias e entrevistas publicadas no período. Após a identificação das publicações, o próximo passo é identificar em quais das seis características do jornalismo ambiental reconhecidas por Loose e Girardi (2017), as reportagens estão inseridas.

As notas, as entrevistas e as notícias não serão analisadas uma a uma, pois trazem informações pontuais sobre o acontecimento e possuem pouca ocorrência dentro da cobertura realizada pelo jornal. O foco principal da análise está voltado para as reportagens, que apresentam uma apuração mais detalhada do desastre e que, ao longo desses 10 anos, obtiveram um total de 31 publicações. A tabela abaixo quantifica o total de publicações do jornal no período analisado.

Tabela 1: Total de publicações realizadas pelo jornal Zero Hora

	reportagem	notas	notícias	entrevista
2006	20	2	10	1
2007	5	3	9	3
2008	2	0	1	0
2009	4	0	0	1
2010	0	0	0	0
2011	0	0	0	0
2012	0	0	0	0
2013	0	0	0	0
2014	0	0	0	0

2015	0	0	0	0
2016	0	0	0	0
Total	31	5	20	5

Em um primeiro momento, a ideia era realizar uma análise de todas as publicações sobre o desastre ambiental de 2006 realizadas pelo jornal Zero Hora, independentemente de seu formato, porém, com a grande quantidade de publicações encontrada e o prazo de tempo para a realização e entrega do Trabalho de Conclusão de Curso, foi decidido analisar somente as reportagens. A escolha também se justifica porque as reportagens possuem uma narrativa normalmente mais aprofundada sobre o acontecimento, o que leva o leitor a uma maior compreensão do acontecimento.

A análise realizada utiliza como base os preceitos do jornalismo ambiental, além das ideias de autores que discutem e estudam as metodologias da cobertura jornalística, o material também será enquadrado nos diferentes gêneros e formatos existentes de jornalismo.

Segundo o site Mundo Educação (S.D), a reportagem tem como principais características o emprego do discurso direto e indireto, o uso da polifonia que se caracteriza pela utilização de diferentes vozes durante o texto, que surgem através de entrevistas com testemunhas, e especialistas e a assinatura do repórter responsável pela produção da narrativa. Durante a construção da monografia, esses foram os principais aspectos levados em consideração para diferenciar a reportagem de outros gêneros jornalísticos.

No JA, a reportagem assume um papel importante porque é por meio dela que se aprofunda e amplia o entendimento sobre um assunto, diferentemente da notícia que apresenta uma linguagem objetiva e na maioria dos casos sem profundidade. Segundo Girardi, Pedroso e Baumonte (2011), a reportagem precisa dar conta da complexidade de um acontecimento, e sabemos que as questões ambientais tendem a ser assuntos complexos, pois, são constituídas de uma linguagem científica que é a base de sua discussão. Por isso, segundo as autoras, a utilização do gênero noticioso não é a melhor escolha, dentro do jornalismo ambiental. Já que ele possui uma visão estática e pouco dinâmica do mundo, o que dificulta a missão

educativa e capaz de levar a uma mudança de pensamento, características essas que fazem parte da essência do JA.

Por serem textos curtos e objetivos, as notícias reduzem a profundidade dos assuntos ambientais e a visão sistêmica do ambientalismo acaba sendo prejudicada.

Sem uma visão sistêmica, como explicar os fenômenos do tempo e da atmosfera? Como perceber o clima como algo dinâmico e fluído? Colunas e infográficos são insuficientes quando deixam o leitor perceber a relação entre estiagem e desmatamento. É necessário incorporar na matéria a visão de conjunto em um todo articulado, coeso e coerente. A conexão necessária só se fará através de um texto que dê conta da complexidade, que faça a ligação entre progresso e proteção ambiental, que inclua o pequeno e o grande agricultor de arroz na cadeia produtiva, que inclua a análise do ambientalista [...]. A conexão necessária exige que os ambientalistas também sejam fontes cotidianas do jornalismo noticioso e da reportagem. (Girardi; Pedroso; Baumonte, 2011, p.60 - 61).

Após a importância das reportagens dentro do JA ser apresentada, veremos as seis características do jornalismo ambiental mencionadas por Loose e Girardi (2017). São elas :

- Ênfase na contextualização, tem como objetivo superar a forma rasa em que se realiza o jornalismo diário, para que se possa fazer uma apuração profunda, crítica e completa das questões ambientais;
- Pluralidade de vozes, que é utilização de diversas opiniões, sejam elas de especialistas científicos e membros da sociedade civil, não se esquecendo da importância da ciência dentro do assunto;
- Assimilação do saber ambiental, ou seja, à necessidade de que os jornalistas ambientais, tenham um alto nível de compreensão sobre os assuntos relacionados ao meio ambiente em que estão inseridos;
- Cobertura sistêmica próxima à realidade do leitor, que se caracteriza como aquela que aproxima as pessoas/leitores do jornalismo ambiental, com uma forma de linguagem de fácil compreensão e abordagem de assuntos próximos da realidade diária das pessoas.
- Comprometimento com a qualificação da informação, que é a noção por parte dos profissionais de que para se trabalhar com jornalismo ambiental, é preciso ser engajado e militante em busca da defesa de uma vida sustentável

e em defesa do meio ambiente, mantendo o respeito com a ética jornalística e seus critérios de noticiabilidade e apuração.

- Responsabilidade com a mudança de pensamento, é um dos principais papéis do JA, que é ser capaz de motivar a mudança nas pessoas, para que elas sejam capazes de repensar seus atos diante do cenário ambiental atual e se tornem engajadas em prol da justiça ambiental.

Das seis características identificadas pelas autoras, duas não foram analisadas, “assimilação do saber ambiental”, e “comprometimento com a qualificação da informação”, porque não é possível identificá-las apenas observando as reportagens. Para saber se elas estão presentes, seria necessário estar em contato com os jornalistas responsáveis pelas reportagens, o que não faz parte da metodologia deste trabalho. O estudo, portanto, analisa as outras quatro: (1) “ênfase na contextualização”, (2) “pluralidade de vozes”, (3) “cobertura sistêmica próxima a realidade do leitor” e (4) “responsabilidade com a mudança de pensamento”. Na tabela abaixo elas aparecem identificadas com a numeração indicativa 1, 2, 3 e 4.

Tabela 2: Indicação da presença das características do jornalismo ambiental em cada reportagem

	Reportagem	1	2	3	4
1	Fepam investiga mortandade no Rio dos Sinos (2006)		x	x	
2	Barreira para conter peixes mortos (2006)		x	x	
3	Toneladas de peixes são retiradas do Rio dos Sinos (2006)		x	x	
4	Fepam começa punições (2006)	x			
5	Resultados das análises sai na próxima semana (2006)				
6	Culpados por dano ainda são ignorados (2006)				
7	Atuação da Fepam é criticada (2006)	x	x		
8	Três indústrias impedem Fepam de divulgar nomes (2006)	x			
9	Peixes sob nova ameaça no Sinos (2006)	x		x	x
10	Desastre pode ter sido pior (2006)				
11	Estado decreta situação de emergência em rios (2006)		x	x	

12	Um sopro de vida para o Rio dos Sinos (2006)	x			x
13	Justiça decreta prisão de empresário de Estância Velha (2006)	x			
14	O que tem na água (2006)	x	x	x	
15	Lixo afeta até a navegação (2006)		x	x	
16	Fiscais da Fepam poderão ser responsabilizados (2006)				
17	Jornada a um rio ameaçado (2006)	x	x	x	
18	Peixes mortos retirados do Rio dos Sinos (2006)				
19	Nova mortandade de peixes é investigada (2006)				
20	A ameaça vai além do Sinos (2006)	x	x		
21	Empresário completa 100 dias foragido (2007)	x	x		
22	Bacia do Rio dos Sinos à espera de projetos (2007)				
23	Sinos da esperança (2007)	x	x	x	
24	Rede vazia no Rio dos Sinos (2007)	x		x	
25	O Sinos ainda pede socorro (2007)	x		x	
26	Ruppenthal defende-se de 20 crimes ambientais (2008)				
27	Rio dos Sinos não terá monitoramento 24 horas (2008)				
28	Engenheiro é condenado a 30 anos de prisão (2009)	x	x		
29	Condenado por morte de peixes se apresenta à justiça (2009)				
30	Sinos e Gravataí entre os piores rios (2009)	x	x		
31	A asfixia de 2 rios (2009)	x	x	x	

Em relação à característica (1) ênfase na contextualização, é possível afirmar que ela é aquela que mais aparece dentro do material analisado, das 31 reportagens 16 delas contém o atributo mencionado. Dentre as reportagens analisadas, três delas chamam a atenção, duas pela grande profundidade da apuração realizada pelos jornalistas, e que portanto se encaixam na característica analisada, e uma pela apuração rasa, que não apresenta tal atributo.

- A primeira delas é denominada “Sinos da esperança”, publicada em 2007 e número 23 na tabela, esta publicação possui três páginas, que contam em sua maioria, com figuras para ilustrar desde os trechos do Sinos com maior contaminação por poluentes até os tipos de espécies de peixes que sofreram com a mortandade causada pelo desastre entre outros dados.

Figura 2 - Reportagem “Sinos da Esperança”



- A segunda reportagem se chama “A asfixia de 2 rios”, publicada em 2009 e número 31 na tabela, ela tem duas páginas e relata a experiência detalhada de dois repórteres da Zero Hora que navegaram pelo Rio dos Sinos e Rio Gravataí, achei interessante a ideia de levar aos leitores a sensação de estarem acompanhando os profissionais, já que se é relato detalhes como cheiro e características da paisagem que também são vistas a partir de fotos.

Figura 3 - Reportagem “A asfixia de 2 rios”



- A terceira publicação chamada “Culpados por dano ainda são ignorados”, publicada em 2006 e número 6 na tabela, tem uma extensão de meia página e fala sobre a falta de identificação dos culpados pelo desastre ambiental, por parte da Polícia Civil e da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam). A reportagem relembra os acontecimentos pós desastre, mas todos de uma forma rápida e sem profundidade.

Figura 4 - Reportagem “Culpados por dano ainda são ignorados”



A característica (2) pluralidade de vozes, ocorre em 14 reportagens estando em segundo lugar em maior presença. Na característica citada, três publicações se destacam, duas pela grande quantidade de fontes, que possuem atuações em diferentes áreas como biologia, engenharia, política, entre outras, e uma pela pequena variação delas.

- Durante a reportagem “Atuação da Fepam é criticada”, publicada em 2006 e número 7 na tabela, que ocupa uma página do jornal e aponta as principais falhas na atuação da Fepam, que estava dividida entre descuido na prevenção de desastres e erro nas investigações sobre a causa da mortandade no Rio dos Sinos. Foram entrevistados ao todo oito fontes de diferentes áreas, o que parece um bom número de entrevistados, se comparado ao tamanho da publicação.

Figura 5 - Reportagem “Atuação da Fepam é criticada”

Desastre no Sinos Falta de estrutura de órgão público para realizar vistorias necessárias e investigar regularidades teria facilitado o despejo excessivo de resíduos industriais que resultou na morte de peixes

Atuação da Fepam é criticada

Como funciona

Quando analisa licenças, a Fepam recebe informações de empresas e de órgãos públicos. A partir dessas informações, a Fepam emite pareceres e autorizações. Se as empresas não cumprirem as condições estabelecidas, a Fepam pode aplicar multas e até mesmo cancelar as licenças.

Na área do Rio dos Sinos

Quando analisou a licença para a construção de uma fábrica de produtos químicos, a Fepam não exigiu a construção de uma estação de tratamento de efluentes. Isso teria evitado o despejo de resíduos industriais no rio, que acabou causando a morte de milhares de peixes.

MP aponta falhas em análises

Para garantir a segurança ambiental, a Fepam precisa ter uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações. No entanto, a Fepam não possui uma estrutura adequada para isso, o que pode ter contribuído para o desastre.

2. Críticas à atuação da Fepam

1. Falta de estrutura adequada para realizar vistorias e investigações.
2. Falta de transparência nas decisões.
3. Falta de comunicação com a população.

3. O que diz Jackson Müller, diretor técnico da Fepam, sobre as falhas apontadas

A Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações. Além disso, a Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações.

4. O que diz Jackson Müller, diretor técnico da Fepam, sobre as falhas apontadas

A Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações. Além disso, a Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações.

5. O que diz Jackson Müller, diretor técnico da Fepam, sobre as falhas apontadas

A Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações. Além disso, a Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações.

6. O que diz Jackson Müller, diretor técnico da Fepam, sobre as falhas apontadas

A Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações. Além disso, a Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações.

7. O que diz Jackson Müller, diretor técnico da Fepam, sobre as falhas apontadas

A Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações. Além disso, a Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações.

8. O que diz Jackson Müller, diretor técnico da Fepam, sobre as falhas apontadas

A Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações. Além disso, a Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações.

9. O que diz Jackson Müller, diretor técnico da Fepam, sobre as falhas apontadas

A Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações. Além disso, a Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações.

10. O que diz Jackson Müller, diretor técnico da Fepam, sobre as falhas apontadas

A Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações. Além disso, a Fepam não possui uma estrutura adequada para realizar vistorias e investigações.

- Na reportagem denominada “O que tem na água”, publicada em 2006 e número 14 na tabela e que contém três páginas, o jornal Zero Hora contrata

um laboratório para realizar a análise da água do Rio dos Sinos, do Rio Gravataí e de sedimentos do Arroio Portão. Durante a publicação são apresentados os resultados das análises obtidas e para explicá-los são ouvidos técnicos, engenheiros químicos, diretores de instituições governamentais que possuem relação com tratamento dos efluentes e pescadores, que totalizam cinco fontes. O que consequentemente deixa a reportagem mais completa e confiável.

Figura 6 - Reportagem “O que tem na água”

O QUE A ANÁLISE REVELA

• **Da amostra do Rio dos Sinos**

Parâmetro	Resultado	Unidade	Limite de proteção
Chumbo	0,002	mg/L	0,05
Cádmio	0,001	mg/L	0,01
Cromo	0,001	mg/L	0,05
Fluoreto	0,05	mg/L	1,5
Amônia	0,05	mg/L	0,5
Nitrito	0,05	mg/L	0,5
Nitrato	0,05	mg/L	50
Fósforo	0,05	mg/L	0,5
Cloro	0,05	mg/L	0,5
Temperatura	17,2	°C	20
pH	7,2		6,5 a 8,5

• **Da amostra do Rio Gravataí**

Parâmetro	Resultado	Unidade	Limite de proteção
Chumbo	0,002	mg/L	0,05
Cádmio	0,001	mg/L	0,01
Cromo	0,001	mg/L	0,05
Fluoreto	0,05	mg/L	1,5
Amônia	0,05	mg/L	0,5
Nitrito	0,05	mg/L	0,5
Nitrato	0,05	mg/L	50
Fósforo	0,05	mg/L	0,5
Cloro	0,05	mg/L	0,5
Temperatura	17,2	°C	20
pH	7,2		6,5 a 8,5

• **Da amostra de sedimento do Arroio Portão**

Parâmetro	Resultado	Unidade	Limite de proteção
Chumbo	0,002	mg/kg	0,05
Cádmio	0,001	mg/kg	0,01
Cromo	0,001	mg/kg	0,05
Fluoreto	0,05	mg/kg	1,5
Amônia	0,05	mg/kg	0,5
Nitrito	0,05	mg/kg	0,5
Nitrato	0,05	mg/kg	50
Fósforo	0,05	mg/kg	0,5
Cloro	0,05	mg/kg	0,5
Temperatura	17,2	°C	20
pH	7,2		6,5 a 8,5

• **Os resultados**

Os resultados das análises de água e sedimento do Rio dos Sinos, do Rio Gravataí e do Arroio Portão, mostram que a qualidade da água está dentro dos limites de proteção estabelecidos pela legislação brasileira. No entanto, a análise de sedimento do Arroio Portão mostrou níveis elevados de chumbo e cádmio, o que pode ser devido à presença de resíduos industriais e urbanos.

• **Os responsáveis**

Os responsáveis pela poluição da água são os indústrias e os municípios que não possuem tratamento adequado dos efluentes. A falta de fiscalização e a ausência de políticas públicas para a proteção da água são outros fatores que contribuem para a poluição.

• **Teste ZH**

O teste ZH é um método simples e rápido para avaliar a qualidade da água. Ele consiste em adicionar uma gota de água à água da amostra e observar a cor que se forma. Se a cor for amarela, a água está contaminada. Se a cor for verde, a água está limpa.

• **O que tem na ÁGUA**

A água que temos na torneira é tratada por uma estação de tratamento de água (ETA). No entanto, a água que chega às torneiras pode estar contaminada por produtos químicos e metais pesados. É importante beber água filtrada ou fervida para garantir a saúde.

- A reportagem “Bacia do Rio dos Sinos à espera de projetos”, publicada em 2007 e número 22 na tabela, que possui aproximadamente meia página, fala sobre a falta de projetos de saneamento no Sinos, já que na época apenas quatro municípios da região haviam entregue planos relacionados ao tema para a Secretaria Estadual do Meio Ambiente (Sema). Durante a escrita, foi utilizada apenas uma fonte para embasar o assunto, reportagem essa que poderia ser mais extensa e completa com a utilização de outras fontes.

Figura 7 - Reportagem “Bacia do Rio dos Sinos à espera de projetos”

ZERO HORA > PESCA E PÊLO ABRIL | 2007

Geral > | 37

Ambiente Só quatro municípios haviam entregue plano de saneamento até ontem

Bacia do Rio dos Sinos à espera de projetos

Vale do Sinos/Casa Zero Hora
CARLA DUTRA

Até a tarde de ontem, só quatro dos 32 municípios que compõem a Bacia do Rio dos Sinos haviam entregue à Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema) planos para diminuir o volume do esgoto doméstico sem tratamento que chega ao rio.

O prazo de seis meses concedido pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) termina amanhã.

A portaria da Fepam exigindo a apresentação de uma proposta de saneamento foi publicada depois da tragédia ambiental que matou quase 90 toneladas de peixes. Embora o esgoto doméstico não seja considerado a principal causa da mortandade ocorrida em outubro, é apontado pela fundação como a fonte de 89% da poluição no rio.

Os prefeitos reconhecem a necessidade de resolver o problema, mas dizem que o prazo de 180 dias é curto.

— Em seis meses, os municípios jamais teriam condições de apresentar esse plano. Em Araricá, trabalhamos dois anos na construção de um projeto, e só por isso ele está pronto e protocolado junto ao Ministério das Cidades, embora ainda não tenhamos entregue à Feplam — diz Flavio Luiz Foss (PP), presidente da Associação dos Municípios do Vale do Rio dos Sinos e prefeito de Araricá.

Segundo Foss, a sensação dos prefeitos é de que esse é mais um documento que não terá reflexo, já que há projetos na Secretaria Estadual de Obras Públicas e Saneamento, e o Estado não utiliza.

Embora a portaria não preveja punição para quem não cumprir o prazo, a Fepam não descarta a possibilidade de levar o caso ao Ministério Público Estadual. Já a Sema tenta estimular a entrega dos documentos e garante que quem cumprir a determinação receberá ajuda do Estado na busca por verba.

A secretaria estima que seria necessário um investimento de mais de R\$ 1 bilhão em saneamento para resolver o problema da falta de tratamento de esgoto doméstico — apenas 5% do esgoto é tratado pelos municípios que integram a Bacia do Rio dos Sinos.

carla.dutra@zerohora.com.br



Esgoto doméstico é apontado pela Fepam como fonte de 89% da poluição que chega ao leito do Rio dos Sinos

Das publicações analisadas 12 delas contém a característica (3) cobertura sistêmica próxima a realidade do leitor em sua estrutura, que dá conta de tornar a leitura mais interessante para quem lê pois aproxima o público da realidade retratada na reportagem. Entre as três reportagens destacadas, duas são pela falta da característica citada e uma pela sua presença.

- Ambas as reportagens “Desastre pode ter sido pior” e “Um sopro de vida para o Rio dos Sinos”, publicadas em 2006, a primeira sendo número 10 e a segunda número 12 na tabela, e que possuem uma página e meia página respectivamente, contam com uma linguagem técnica, pois, explicam o funcionamento de aparelhos que possuem como objetivo a melhora no oxigênio da água do Sinos. Mesmo com explicações que buscam simplificar as etapas de oxigenação, ainda não parecem ser publicações atrativas para todos os leitores.

Figura 8 - Reportagem “Desastre pode ter sido pior”

Ambiente Segundo levantamento realizado por ambientalistas, pelo menos 160 toneladas de peixes morreram há 19 dias na foz do Arroio Portão, mas somente a metade foi retirada do Rio dos Sinos

Desastre pode ter sido pior

REDAÇÃO EXATIDÃO

A poluição ambiental do rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, é um problema antigo. Mas, desde 2014, com a chegada da Usina de Itaipu, a situação piorou. A poluição do rio dos Sinos, que já era considerada uma das piores do Brasil, agora é considerada uma das piores do mundo.

A poluição do rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, é um problema antigo. Mas, desde 2014, com a chegada da Usina de Itaipu, a situação piorou. A poluição do rio dos Sinos, que já era considerada uma das piores do Brasil, agora é considerada uma das piores do mundo.

A poluição do rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, é um problema antigo. Mas, desde 2014, com a chegada da Usina de Itaipu, a situação piorou. A poluição do rio dos Sinos, que já era considerada uma das piores do Brasil, agora é considerada uma das piores do mundo.

ADAMAS DO SINOS

Os dados de monitoramento do rio dos Sinos para a poluição ambiental são os seguintes: a água em um rio do rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, é considerada uma das piores do mundo.

Resumo

Uma espécie de rio dos Sinos, utilizada para a produção de energia elétrica, está sendo utilizada para a produção de energia elétrica.



Como funciona

Uma espécie de rio dos Sinos, utilizada para a produção de energia elétrica, está sendo utilizada para a produção de energia elétrica.

Como funciona

Uma espécie de rio dos Sinos, utilizada para a produção de energia elétrica, está sendo utilizada para a produção de energia elétrica.

Figura 9- Reportagem “Um sopro de vida para o Rio dos Sinos”

88 | Pelo Rio Grande, Região Metropolitana >

DIÁRIO DEBORA > SÃO PAULO | 10/07/2019 | 06h

Ambiente Sistema inédito no Estado deverá injetar oxigênio puro na água

Um sopro de vida para o Rio dos Sinos

Texto de Clara Torres e João Paulo Cezar

O Rio dos Sinos, considerado o maior rio do Estado, está sendo poluído por resíduos sólidos e líquidos, o que está afetando a qualidade da água e a saúde da população.

A poluição do rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, é um problema antigo. Mas, desde 2014, com a chegada da Usina de Itaipu, a situação piorou. A poluição do rio dos Sinos, que já era considerada uma das piores do Brasil, agora é considerada uma das piores do mundo.

Resumo

O Rio dos Sinos, considerado o maior rio do Estado, está sendo poluído por resíduos sólidos e líquidos, o que está afetando a qualidade da água e a saúde da população.

Como funciona

O Rio dos Sinos, considerado o maior rio do Estado, está sendo poluído por resíduos sólidos e líquidos, o que está afetando a qualidade da água e a saúde da população.

O sistema

Conheça o sistema inédito para injetar oxigênio no Rio dos Sinos



Como funciona

O Rio dos Sinos, considerado o maior rio do Estado, está sendo poluído por resíduos sólidos e líquidos, o que está afetando a qualidade da água e a saúde da população.

Como funciona

O Rio dos Sinos, considerado o maior rio do Estado, está sendo poluído por resíduos sólidos e líquidos, o que está afetando a qualidade da água e a saúde da população.

Imagem: Agência de Notícias do Rio dos Sinos

Imagem: Agência de Notícias do Rio dos Sinos

- A publicação denominada “Estado decreta situação de emergência em rios”, publicada em 2006 e número 11 na tabela, possui menos de meia página e fala sobre uma nova mortandade de peixes, detectada no mesmo mês do grande desastre citado neste trabalho, ou seja, em outubro. Diferente dos primeiros dois exemplos apresentados acima, esta reportagem tem uma linguagem clara e próxima ao leitor, o que ocorre principalmente pelo fato de citar assuntos como protestos realizados por ambientalistas e universitários indignados com a falta de fiscalização ambiental no Rio dos Sinos e no Rio Gravataí, que foram os principais atingidos.

Figura 10 - Reportagem “Estado decreta situação de emergência em rios”

Estado decreta situação de emergência em rios

TAÍS GRÜN

Diante da nova mortandade de peixes verificada nesta semana e da constatação de índice zero de oxigênio na água em alguns pontos, o governo do Estado decretou ontem situação de emergência na bacia dos rios dos Sinos e Gravataí. A medida atinge 34 municípios.

Com o decreto, fica autorizada a convocação de voluntários para reforçar as ações de combate ao desastre e a realização de campanhas de arrecadação entre a comunidade, para facilitar a ajuda aos afetados.

Ao tomar a decisão, a Casa Civil considerou os baixos níveis de oxigênio em vários pontos do Sinos. O problema levou à morte de toneladas de peixes.

As causas para a baixa oxigenação seriam a pouca vazão do leito e o excesso de poluentes orgânicos despejados no rio, fatores que dificultam a

vida dos cardumes.

Conforme o major Jorge Alverce, a Defesa Civil busca reunir informações referentes aos riscos ambientais. O 1º Batalhão do Comando Ambiental da Brigada Militar está mapeando os locais de risco para levantar possíveis focos de degradação ambiental, sejam de origem doméstica, industrial ou depósitos de lixo doméstico no Rio dos Sinos.

Fepam suspendeu captação de água para as lavouras

O diretor técnico da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam), Jackson Müller, informou que a captação de água para irrigação de arrozeiras está suspensa.

– Os pontos mais críticos estão no Arroio Luiz Rau e na foz do Arroio Portão. Ainda não sabemos quantos peixes e que espécies estão mortos desta vez – disse Müller.

Cinco guarnições do Comando Ambiental passaram a sexta-feira

percorrendo o leito para movimentar a água e acompanhar a situação.

Ontem, o tráfego na ponte sobre o Rio dos Sinos, na BR-116, em São Leopoldo, foi interrompido por um protesto contra a poluição. Revoltados com a nova mortandade, ambientalistas e universitários bloquearam a rodovia nos dois sentidos, por cerca de 20 minutos, exigindo mais fiscalização ambiental.

– Não queremos aqui um novo Tietê (em referência a um rio de São Paulo) – afirmou o coordenador da União Protetora do Ambiente Natural, Rafael Altenhofen.

Devido à urgência de trabalhos de recuperação da Bacia do Sinos, a Brigada Militar acertou com a Mar-side Equipamentos Náuticos e Rodoviários a antecipação na entrega das duas lanchas que o Comando Ambiental adquiriu recentemente. Uma das embarcações será repassada, hoje, na Ilha das Flores.

✉ tais.grun@zarahora.com.br

Das características buscadas a (4) responsabilidade com a mudança de pensamento, foi a que menos apareceu dentro das reportagens analisadas, de 31 publicações apenas duas continham essa característica em seus textos. Sendo que a mudança de pensamento, segundo Loose e Girardi (2017), se mostra como um

- A publicação “Rede vazia no Rio dos Sinos”, publicada em 2007 e número 24 na tabela, é constituída de mais de meia página e fala sobre a dificuldade que os membros de 40 famílias de pescadores, vem enfrentando com o desaparecimento dos peixes, que são sua principal fonte de renda e alimento, após o desastre ambiental de 2006. Durante a leitura da reportagem se é observado o sentimento de tristeza que transparece na fala dos pescadores, que se sentem impotentes diante da situação, porém, assim como o exemplo acima, não se é apresentada uma opção de mudança de pensamento sobre a poluição humana, que também é responsável pela mortandade dos peixes.

Figura 12 - Reportagem “Rede vazia no Rio dos Sinos”

++ | 5. DEZEMBRO | 2007 | ZEROPONTO | 10 | ESBO



Simulação na pesca de quinta-feira, depois do desastre ambiental de 2006 no Rio dos Sinos

Ambiente Pescadores lamentam queda na quantidade de peixes em Canoas

Rede vazia no Rio dos Sinos

Aqui, o rio está morto

A cada dia, os 40 famílias de pescadores do Rio dos Sinos, em Canoas, vivem o mesmo drama: a falta de peixes. A principal fonte de renda e alimento dos moradores do rio está seca, e os pescadores vivem em desespero.

Desde que os águas do Rio dos Sinos foram liberadas para a população de Canoas, em 2006, por conta da construção da barragem de Itaipu, a situação não melhorou. Os pescadores continuam a sofrer com a falta de peixes.

Segundo o presidente da Associação dos Pescadores do Rio dos Sinos, Paulo Damasceno, a cada dia os pescadores recebem menos peixes. Ele diz que a situação é preocupante, pois os pescadores não conseguem sustentar suas famílias.

Na Praia da Piquet, atingida pelo desastre ambiental de 2006, os pescadores continuam a sofrer com a falta de peixes. A situação é preocupante, pois os pescadores não conseguem sustentar suas famílias.

Como mais

- O rio dos Sinos, localizado no Estado do Rio Grande do Sul, é o maior rio de águas doces do Brasil.
- O rio dos Sinos é o maior rio de águas doces do Brasil, com uma extensão de 1.100 km.
- O rio dos Sinos é o maior rio de águas doces do Brasil, com uma extensão de 1.100 km.
- O rio dos Sinos é o maior rio de águas doces do Brasil, com uma extensão de 1.100 km.

Na Praia da Piquet, atingida pelo desastre ambiental de 2006, os pescadores continuam a sofrer com a falta de peixes. A situação é preocupante, pois os pescadores não conseguem sustentar suas famílias.

Ameaça Operação da Represa tenta evitar que falta de oxigênio na água em trecho do rio provoque a morte de cardumes, mas sobrevivência ainda depende de redução no lançamento de substâncias tóxicas

Peixes sob nova ameaça no Sinos

REDAÇÃO EXAME/RS

A poluição que vem afetando os rios e a operação da Represa tentam evitar que falta de oxigênio na água em trecho do rio provoque a morte de cardumes, mas sobrevivência ainda depende de redução no lançamento de substâncias tóxicas

Para evitar que uma nova morte em massa de peixes ocorra, como aconteceu em maio de 1995, a Agência de Proteção Ambiental do Rio de Janeiro (ANP) está tentando evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes. A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes. A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes.

A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes. A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes. A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes.

A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes. A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes. A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes.

Situação é grave, saúde dos peixes sob ameaça

Para evitar a morte de peixes, a Agência de Proteção Ambiental do Rio de Janeiro (ANP) está tentando evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes. A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes.

A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes. A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes.

A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes. A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes. A operação da Represa tentará evitar que a falta de oxigênio na água provoque a morte de cardumes.

Sob a tenda, técnicos da Represa tentam evitar que falta de oxigênio na água, provocando asgria no rio, provoque a morte de cardumes

Entre a vida e a morte

Por que os peixes apodrecem

1. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

2. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

3. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

4. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

5. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

6. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

7. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

8. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

9. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

10. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

11. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

12. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

13. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

14. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

15. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

16. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

17. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

18. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

Entre a vida e a morte

Por que os peixes apodrecem

1. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

2. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

3. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

4. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

5. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

6. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

7. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

8. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

9. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

10. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

11. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

12. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

13. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

14. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

15. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

16. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

17. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

18. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

Entre a vida e a morte

Por que os peixes apodrecem

1. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

2. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

3. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

4. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

5. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

6. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

7. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

8. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

9. A falta de oxigênio na água, provocando a morte de cardumes

Ao final da análise e observação das reportagens, é possível perceber que das 31 publicações realizadas pelo jornal Zero Hora, 10 delas não apresentam nenhuma das quatro características essenciais para serem compreendidas como reportagens

pertencentes a área do jornalismo ambiental. Essas reportagens aqui atribuídas, fazem sim parte do gênero informativo, no entanto, apresentam déficits que não as permitem serem vistas como parte do JA.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a analisar a cobertura do desastre ambiental do Rio dos Sinos, pelo jornal gaúcho Zero Hora, que é considerado o 5º maior em número de tiragem impressa e digital do Brasil e identificar a utilização das características do jornalismo ambiental dentro do material publicado dentro de 10 anos. O desastre ocorrido no dia 7 de outubro de 2006 foi responsável pela mortandade de milhares de peixes, de aproximadamente 13 espécies distintas. A principal causa do desastre, segundo relatório divulgado pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam), foi o lançamento de efluentes líquidos e tóxicos nas águas do Rio dos Sinos. O relatório também aponta a responsabilidade da empresa Ultresa pelos lançamentos impróprios.

Para realizar a análise da cobertura jornalística feita pela ZH, primeiro foram definidos os elementos principais que caracterizam uma reportagem, sendo eles o emprego do discurso direto e indireto, a utilização de diferentes vozes durante o texto e a assinatura do profissional responsável pela produção do material. Após a definição de reportagem, foram utilizadas também, como base central para a análise, as características essenciais do jornalismo ambiental, levantadas pelas autoras Loose e Girardi (2017), que consistem em seis aspectos. Mas, que durante a observação foram utilizadas quatro, pois são capazes de serem identificadas durante a leitura do material, sendo elas: “ênfase na contextualização”, “pluralidade de vozes”, “cobertura sistêmica próxima a realidade do leitor” e “responsabilidade com a mudança de pensamento”.

Durante a análise foram identificadas 31 reportagens, sendo que na observação geral dos 10 anos analisados, apenas nos três primeiros o jornal publicou sobre o desastre. É importante ressaltar também que, não apenas reportagens não foram mais realizadas, mas nenhum outro tipo de publicação como notas, notícias e entrevistas foram publicadas depois do ano de 2009. Nem em datas “cheias”, que o jornalismo comumente utiliza para relembrar episódios marcantes, como 5 e 10 anos de um fato, houve reportagens ou outros materiais publicados sobre o assunto.

Nestes períodos, a Zero Hora poderia, por exemplo, ter relembrado o fato, para dizer o que foi feito, se houve mudanças significativas na forma como as indústrias e a população lidam com a questão da poluição e do descarte de materiais e efluentes

tóxicos no Rio dos Sinos. Se não houve nenhuma mudança significativa, o veículo poderia relembrar o caso e descrever como a situação do Rio dos Sinos ainda segue a mesma. O que parece ser o caso, visto a entrevista dada ao jornal pelo biólogo e ex-diretor técnico da Fepam, Jackson Müller (2022), na qual ele fala sobre a falta de saneamento básico e sobre a continuidade do despejo de cargas tóxicas no Sinos.

Durante a leitura e análise das reportagens, foi identificado que três das características do jornalismo ambiental foram abundantemente encontradas nos textos, sendo elas a ênfase na contextualização, a pluralidade de vozes e a cobertura sistêmica próxima a realidade do leitor. É possível perceber que as duas primeiras características citadas se complementam, já que para uma reportagem ter profundidade e superar a forma rasa do jornalismo diário, é necessário na maioria das vezes que sejam ouvidas diversas fontes, que contemplem variadas áreas e assuntos distintos. Já a terceira característica apresenta a importância de trazer o leitor para perto do jornalismo, principalmente o ambiental, que muitas vezes é pouco consumido por ser muito científico e que acaba se tornando desinteressante para o público.

É importante ressaltar também que a quarta característica, denominada responsabilidade com a mudança de pensamento, que segundo as autoras Loose e Girardi (2017), é um dos principais objetivos do jornalismo ambiental, apareceu apenas em duas das 31 reportagens analisadas, além de que, deste total de publicações, 10 delas não cumpriram nenhuma das quatro características. Uma constatação preocupante se pensarmos na necessidade de uma mudança urgente nos hábitos das gerações atuais, para que seja possível construir uma sociedade sustentável e comprometida com a saúde do planeta em que vivemos.

Enfim, habitamos um mundo em constante movimento e mudança, e sabemos que mudar é importante para o crescimento e evolução da sociedade como um todo, até porque já passamos por diversas delas durante os séculos. No entanto, as mudanças que estamos enfrentando atualmente ameaçam nossa existência como nunca antes na história, conhecidas como mudanças climáticas, elas estão causando calor excessivo, chuvas torrenciais, secas terríveis e tantas outras consequências negativas, que muitas vezes nem sequer nos damos conta.

Muitas causas das mudanças climáticas ainda são desconhecidas mas, é impossível negar ou pelo menos não deveríamos negar, que o ser humano tem sim uma grande parcela de culpa na devastação ecológica que o planeta Terra vem

sofrendo. Quando desastres ambientais, como o tratado neste trabalho, são analisados de perto, percebemos que muitas ações precisam mudar, afinal, quantos peixes mais precisam morrer, quantos rios mais precisam ser poluídos e terem suas águas cristalinas contaminadas por efluentes tóxicos, para percebermos que a ganância humana gera sua autodestruição?

É na importância da mudança de pensamentos e hábitos, que o jornalismo ambiental toma forma, jornalismo esse que precisa ser engajado com a divulgação da proteção ecológica e com a visibilidade de assuntos científicos, até então ignorados pelos meios tradicionais de informação. A falta de saber ambiental não pode mais se fazer presente na vida das pessoas e a comunicação é a melhor forma de encerrar essa desinformação.

Ao fim desta monografia, é esperado que ela possa servir de referência e proporcionar dados para estudos feitos futuramente, sobre os assuntos aqui tratados. É importante salientar que este trabalho traz apenas uma pequena parte de um conjunto de dados ambientais.

REFERÊNCIAS:

ANTHONY, Igor. Como surgiu o jornalismo. Educa Mais Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-faculdades/jornalismo/noticias/como-surgiu-o-jornalismo>. Acesso em: 28 mai. 2024.

BRASIL, Emirados Árabes e Azerbaijão lançam parceria entre presidências da COPs. **gov.br**, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/brasil-emirados-arabes-e-azerbaijao-lancam-parceria-entre-presidencias-das-cops>. Acesso em: 01 mai 2024 .

CARACTERIZAÇÃO da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. **COMITESINOS**, [20--]. Disponível em: <https://www.comitesinos.com.br/bacia-hidrografica-do-rio-dos-sinos> . Acesso em: 24 abr.2024.

CARTA de Belo Horizonte. **Portal Pick-upau**, 2004. Disponível em: https://www.pick-upau.org.br/mundo/carta_belo_horizonte/carta_belo_horizonte.htm. Acesso em: 17 abr.2024.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Atuação da Fepam é criticada. **Zero Hora**, 2006. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=26654&ipg=777143&keywords=Rio%20dos%20sinos#page/47>. Acesso em: 15 jun. 2024.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Desastre pode ter sido pior. **Zero Hora**, 2006. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=26676&ipg=778935&keywords=Rio%20dos%20sinos#page/36>. Acesso em: 17 jun. 2024.

CAVALHEIRO, Rodrigo. Peixes sob nova ameaça no Sinos. **Zero Hora**, 2006. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=26680&ipg=779171&keywords=Rio%20dos%20sinos#page/32>. Acesso em: 17 jun. 2024.

COLOMBO, Maria Elaine. Jornalismo Ambiental: a sua história e conceito no contexto social. *In*: XXXIII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2010, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Amazonas: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2674-1.pdf> Acesso em: 18 out. 2023.

CUSTÓDIO, Aline. Rede vazia no Rio dos Sinos. **Zero Hora**, 2007. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=25901&ipg=715570&keywords=Rio%20dos%20Sinos#page/44>. Acesso em: 17 jun. 2024.

DIFERENÇAS entre os gêneros reportagem e notícia. **Mundo Educação**, [20--]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/redacao/diferencas-entre-os-geros-reportagem-noticia.htm>. Acesso em: 24 jun. 2024.

DUARTE, Letícia. Sinos da esperança. **Zero Hora**, 2007. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=26092&ipg=730321&keywords=Rio%20dos%20Sinos#page/29>. Acesso em: 15 jun. 2024.

DUTRA, Carla. Culpados por dano ainda são ignorados. **Zero Hora**, 2006. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=26671&ipg=778648&keywords=Rio%20dos%20sinos#page/30>. Acesso em: 15 jun. 2024.

DUTRA, Carla. Um sopro de vida para o Rio dos Sinos. **Zero Hora**, 2006. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=26610&ipg=773918&keywords=Rio%20dos%20sinos#page/38>. Acesso em: 17 jun. 2024.

DUTRA, Carla. Bacia do Rio dos Sinos à espera de projetos. **Zero Hora**, 2007. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=25992&ipg=722576&keywords=Rio%20dos%20Sinos#page/37>. Acesso em: 17 jun. 2024.

ETCHICHURY, Carlos; BARBIERI, Letícia. A asfixia de 2 rios. **Zero Hora**, 2009. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=24536&ipg=612553&keywords=Sinos%20e%20Gravata%ED#page/6>. Acesso em: 15 jun. 2024.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; PEDROSO, Rosa Nívea; BAUMONTE, Clarissa Cerveira de. Jornalismo e Sustentabilidade: as armadilhas do discurso. *In*: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho *et al.* (org.). **Ecos do planeta**: estudos sobre informação e jornalismo ambiental. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011. p. 47-62.

GRÜN, Taís. Estado decreta situação de emergência em rios. **Zero Hora**, 2006. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=26683&ipg=779570&keywords=Rio%20dos%20sinos#page/34>. Acesso em: 17 jun. 2024.

HANSEN, Marco Antônio Fontoura. Companhias fazem mágica para deixar a água do Sinos potável. **IHU on-line**, São Leopoldo, RS, n. 242, p. 15-20, nov, 2007.

HOLANDA, Juliana Sampaio Pedroso de; KÄÄPÄ, Pietari; COSTA, Luciana Miranda. Jornalismo ambiental: características e interfaces de um campo em construção. **Intercom**, São Paulo, SP, v. 45, e2022109, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-58442022109pt>. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/3858/2712>. Acesso em: 03 set. 2024.

JORNALISMO ambiental: a melhor forma de conscientizar sobre mudanças climáticas. **Iberdrola**, [20--]. Disponível em: <https://www.iberdrola.com/cultural/jornalismo-ambiental>. Acesso em: 18 out. 2023.

JORNAIS: Breve História. **ANJ**, 2020. Disponível em: <https://www.anj.org.br/breve-historia/>. Acesso em: 12 jun.2024.

JUNQUEIRA, Elaine de Sousa Guideti; KAWASAKI, Clarice Sumi. Os Movimentos Ambientistas e a Educação Ambiental: a militância como espaço educativo. **Cadernos CIMEAC - UFTM**, Uberaba, MG, v. 7, n. 2, p. 162 -186. 2017. DOI: 10.18554/cimeac.v7i2.2471. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/2471/3696>. Acesso em: 15 abr. 2024.

LAGE, Nilson. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. **Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, PR, vol.1, n.1, p. 20 -25, Jan -Jul, 2014. DOI: 10.18661/2318-857X/pauta.geral.v1n1p20-25ISSN2318-857X. Acesso em: 01 mai. 2024.

LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. O Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos. **Interin**, Curitiba, PR, v. 22, n. 2, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/169150/001048279.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 set. 2023.

MASSIERER, Carine. **O olhar jornalístico sobre o meio ambiente : um estudo das rotinas de produção nos jornais Zero Hora e Correio do Povo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10991> Acesso em: 15 abr. 2024.

MÜLLER, Jackson. O rio dos Sinos vive a era das consequências. As meias medidas não bastam mais. **IHU on-line**, São Leopoldo, RS, n. 242, p. 7-11, nov, 2007.

PAJOLLA, Murilo. COP30 no Brasil será marco na diplomacia do clima, mas sucesso depende de participação popular. **Brasil de Fato**, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/05/27/cop30-no-brasil-sera-marco-na-diplomacia-do-clima-mas-sucesso-depender-de-participacao-popular>. Acesso em: 01 mai.2024.

QUEM foi Randau Marques, o pioneiro do jornalismo ambiental no Brasil?. **oeco**, 2020. Disponível em: <https://oeco.org.br/reportagens/quem-foi-randau-marques-o-pioneiro-do-jornalismo-ambiental-no-brasil/>. Acesso em: 18 set.2023.

RAMOS, Luís Fernando Angerami. **Meio ambiente e meios de comunicação**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

RELATÓRIO da UNESCO revela que 70% dos jornalistas ambientais sofreram ataques por seu trabalho. **UNESCO**, 2024. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/articles/relatorio-da-unesco-revela-que-70-dos-jornalistas-ambientais-sofreram-ataques-por-seu-trabalho>. Acesso em: 15 mai.2024.

RIO dos Sinos, sufocado gerencial. **Gaúcha ZH**, 2022. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/desastres-ambientais/rio-dos-sinos.html>. Acesso em: 31 mai. 2024.

RS - Pescadores lutam por indenização após desastre ambiental. **Mapa de Conflitos**, [20--]. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rs-pescadores-lutam-por-indenizacao-apos-desastre-ambiental>. Acesso em: 31 mai.2024.

SOBRE a Zero Hora. **Grupo RBS**, [20--]. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/nossas-marcas/3/zero-hora>. Acesso em: 12 jun.2024.

UMA Só Terra: Conferência de Estocolmo completa 50 anos. **CRBio-07**, 2022. Disponível em: <https://crbio07.gov.br/noticias/uma-so-terra-conferencia-de-estocolmo-completa-50-anos/>. Acesso em: 17 abr.2024.

WAGNER, Carlos. O que tem na água. **Zero Hora**, 2006. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=26879&ipg=794560&keywords=Rio%20dos%20sinos#page/46>. Acesso em: 15 jun. 2024.

WAGNER, Carlos. Lixo afeta até a navegação. **Zero Hora**, 2006. Disponível em: <https://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?edicao=26876&ipg=794193&keywords=Rio%20dos%20sinos#page/29>. Acesso em: 17 jun. 2024.

ZERO Hora. **Media Ownership Monitor**, 2017. Disponível em: <https://brazil.mom-gmr.org/br/midia/detail/outlet/zero-hora/>. Acesso em: 12 jun.2024.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br